

ENGAJAMENTO

# A NATUREZA SOMOS NÓS



**Marcelo Delduque**  
Jardineiro agrofloresteiro,  
editor e fotógrafo

© Marcelo Delduque, 1995  
Panorama da Fazenda Serrinha em 1995



**C**omeço dos anos 1980. O interior de São Paulo, mesmo aquele interior coladinho na metrópole, ainda era um sertão. Eu, com meus 8, 9 anos, e meu irmão, três anos mais velho, dobrávamos o morro na terra da nossa família, a Fazenda Serrinha, na zona rural de Bragança Paulista, para buscar resquícios arqueológicos numa encosta rochosa, cujos afloramentos de granito formavam pequenas cavidades. Se a fazenda era o nosso sertão, aquele lugar onde não ficávamos à vista dos pais, equivalia aos confins do planeta, às fronteiras do universo conhecido.

Nunca me esquecerei do dia em que fizemos esse mesmo percurso e, na quebrada do morro, havia uma estrada cruzando nosso mítico caminho. Sim, uma estrada brotou ali de uma semana para outra. E não era um sonho.

Foi uma decepção equivalente àquela do conto de Guimarães Rosa, em que um menino, depois de muito procurar um peru que o encantara, descobre ao ser chamado para o almoço que a ave desafortunada é o prato principal. E, assim, simbolicamente, perde a inocência infantil.

De fato, depois daquele dia, nosso sertão deixou de sê-lo, sem nunca ter de fato sido – e foi isso que provavelmente intuímos naquele momento.

Talvez aquele momento fatídico tenha gestado um pouco do que somos hoje. Pois, ao invés de continuar a jornada às cavernas dos nossos sonhos, ficamos a fazer barricadas de pedras naquela estradinha infeliz de pesadelos.

Não poderíamos imaginar o que sobreviria, que o céu estava desabando, e que o sertão ia virar mar. Tratava-se de uma servidão necessária aos sítios da região, uma vez que a estrada principal, que cruzava o vale abaixo, estava com os dias contados.

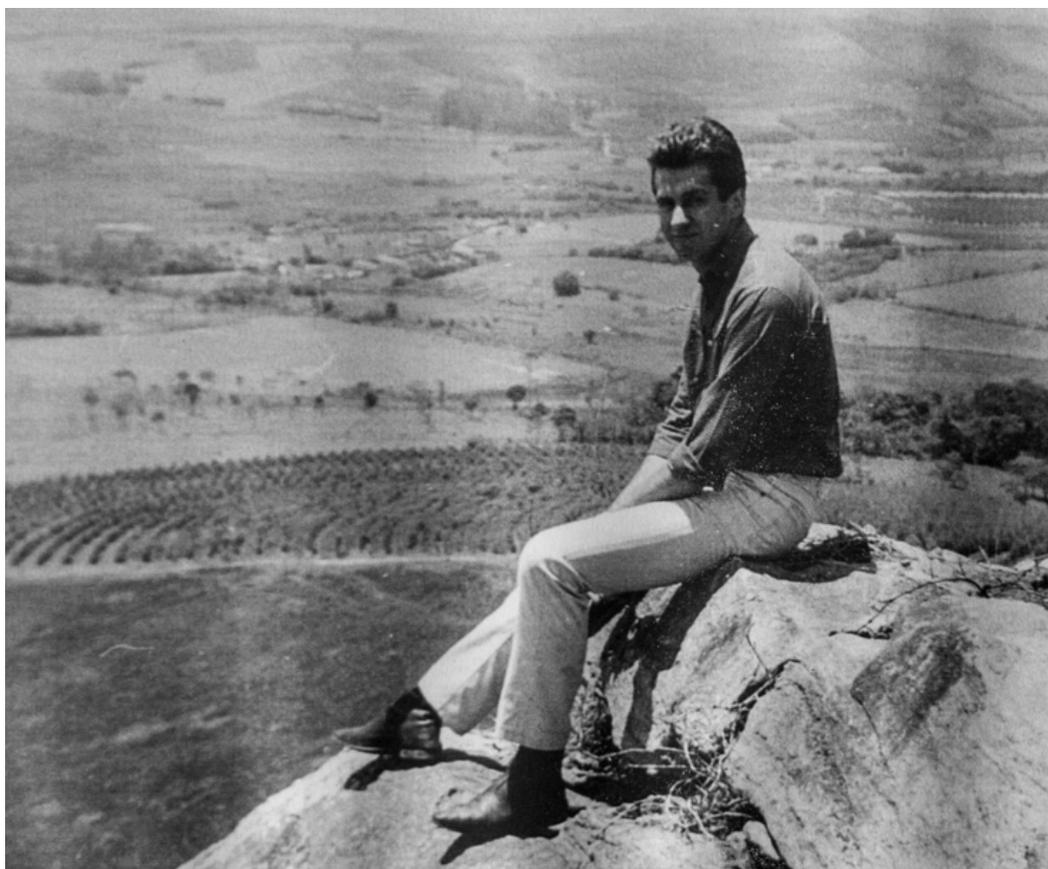
© Marcelo Delduque  
Fazenda Serrinha em 2019: no lugar das  
pastagens degradadas, agroflorestas



Começava naquela época a construção da última e principal das represas do Sistema Cantareira, o reservatório Jaguari-Jacareí. Desde meados da década anterior, o Governo do Estado já vinha construindo uma série de represas entre a serra da Cantareira e o início da Mantiqueira, mais ou menos ao longo do eixo da rodovia Fernão Dias, entre a capital paulista e a divisa com Minas Gerais. E esta seria muito, muito maior que todas as outras. Ela faria do sistema um dos maiores do mundo, abastecendo metade da região metropolitana. O grosso da água represada viria de Minas Gerais, do rio Jaguari, que nasce em Sapucaí-Mirim, quase na divisa com São Bento do Sapucaí e Gonçalves. Armazenada no enorme vale do Jacareí, exatamente aquele em cujas encostas brincávamos de arqueólogos, a água seguia por um sistema de túneis, interligando as represas até que, na altura de Mairiporã, transpunha a serra da Cantareira num monumental “elevador” de águas, para jorrar na metrópole. Uma obra gigantesca ao gosto daquele tempo e realizada com a arrogância comum à ditadura militar, à época, em seus estertores. Os moradores eram informados que seriam desapropriados, recebiam uma quantia – via de regra, muito baixa - e tinham um prazo para sair. Sem mais.

Com a represa, aquele interior estava prestes a ser tornar a nova fronteira de expansão urbana da Região Metropolitana de São Paulo.

Da nossa terra, só uma lasquinha alagou. Nos safamos pela altitude. A chamada “Serrinha”,





© Marcelo Delduque  
Reservatório Jaguari-Jacareí em 1982  
já quase completamente cheio  
Acervo pessoal



© Marcelo Delduque  
Vale do Jacareí na década de 1960,  
muito antes da inundação  
Acervo pessoal

conjunto de morros que forma nossa fazenda e que muitos dizem ser o ponto onde começa a serra da Mantiqueira, está ligeiramente mais alto que a cota do espelho d'água da represa. Mas a estrada ficou ali, impressa definitivamente na paisagem, abrindo as portas para um futuro, que ainda nem poderíamos imaginar, aceleraria o tempo e atropelaria um pedacinho de Brasil rural.

Ao matar a sede da capital, as represas redesenharam a paisagem, fizeram sumir montanhas, desalojaram comunidades, inundaram vales férteis, alteraram ciclos naturais e apagaram histórias. Impulsionaram o avanço das cidades e escreveram uma nova história.

A construção da represa, associada a outras transformações regionais profundas, em especial à duplicação da rodovia Fernão Dias – eixo de acesso a partir da capital paulista –, que aproximou Bragança da Região Metropolitana de São Paulo, motivou alterações aceleradas na estrutura econômica, social e ambiental da Serrinha e região. A chegada dos condomínios e loteamentos, tomando o lugar de sítios e fazendas, foi, sem dúvida, a face mais expressiva dessas mudanças, que ocorreu de forma muito semelhante em todo o entorno das represas do sistema. Um processo de urbanização semelhante ao que aconteceu no Brasil inteiro: caótico, sem nenhum tipo de planejamento e pautado sobretudo pelos interesses do mercado imobiliário.

Pois bem, e nós?

Vivendo exemplarmente a história daquela região, nossos

antepassados começaram plantando café no início do século 20. Com as crises econômicas e a exaustão do solo, passaram para a pecuária e também introduziram a braquiária, essa monstruosa gramínea africana que tomou o Brasil, sendo hoje provavelmente o maior obstáculo a qualquer processo de regeneração da terra. Como toda a vizinhança, encantaram-se com o vigor e a rusticidade do eucalipto – e o lucro certo a cada cinco anos. Por fim, em tempos mais recentes, implantou-se na fazenda uma olaria – já reflexo da urbanização e da demanda por tijolos –, transformando aquela terra em uma pequena Serra Pelada. Era assim que se fazia. Terra no Brasil sempre foi recurso farto, para dar lucro fácil, sem um olhar para a sustentabilidade dos solos a longo prazo. Quando uma área deixava de produzir, passava-se para a seguinte. Assim a Mata Atlântica foi abaixo.

Seguindo esse roteiro histórico lógico, estaríamos prontos e habilitados a lotear a fazenda. Pois era essa a nova vocação de nossa região.

Só que não.

O que explica que em certo momento, em que as terras da nossa região eram fatiadas sem dó, tenhamos decidido por uma inflexão brutal, não só manter a integridade territorial, como restaurar as florestas, descansar o solo, implantar agroflorestas, proteger as nascentes? Difícil precisar qual foi esse ponto de virada. Fato é que um mateiro apaixonado pela natureza e um artista, juntos, realizaram tal desatino (eu, o mateiro, e meu



irmão, o artista). Quando começamos esse movimento, no final da década de 1990, plantar mato no pasto era algo quase ofensivo. Proteger nascentes em uma região cujo grande valor é produzir água para milhões de pessoas ainda é considerado uma loucura romântica.

Bem que eu queria, naquela época, ter um conhecimento maior e invocar o valor dos serviços ambientais e argumentos tais. Mas eu era apenas um rapaz latino-americano que viajava de mochila para a Chapada Diamantina, para o rio Tapajós, para os Lençóis Maranhenses, inspirando-me e recarregando as energias nessas paisagens extraordinárias. E que em um insi-

ght, olhou para a própria terra, seca, triste e pensou que toda aquela natureza exuberante poderia ser ali também. E que com essa ideia romântica passou a plantar árvores no pasto ao mesmo tempo em que o irmão artista começou a “plantar” obras de arte no mesmo pasto, fazendo brotar uma pequena guerra familiar, por inutilizar terras produtivas. Sim, as entranhas de um lindo projeto são em geral pouco palatáveis.

Mas, de não saber que não era possível sem querer criamos o impossível, algo especial (perdoem o clichê), de alguma forma tristemente especial, por ser raro, quase uma ilha. Um contraponto importante, acreditamos,

à forma como as paisagens são ocupadas, como as pessoas se relacionam entre elas e com a natureza. Hoje somos uma espécie de centro de convivência, de experiências ambientais e artísticas em meio a uma região que continua em transformação rápida e profunda. Estamos criando um parque de obras de arte que dialogam com os processos de regeneração da terra. Experimentamos modelos de agroflorestas e restauração florestal. E, por fim, um projeto desafiador: estamos gestando uma comunidade, que ocupa uma área de antigas pastagens, cujo maior desejo é oferecer um modelo de ocupação humana como elemento potencializador de impactos positivos

a paisagem.

Como nos perguntou um vizinho atônito há bastante tempo: “e a nível de rentabilidade, como funciona?”. Na época fiquei sem saber o que responder.

Agora estou aprendendo. Mas permitam-me um rodeio antes de tentar uma resposta.

Precisamos separar as coisas. Cuidar da natureza vai muito além do projeto edificante de plantar árvores. Entendi com a experiência que regenerar a terra nunca significará que a mata vai voltar a um estágio original. Primeiro porque não existe a Mata Atlântica original. Essa é uma ideia um tanto ingênua. Pois a natureza que estamos ajudando a regenerar é uma natureza “com” o humano. De alguma forma, estamos nos regenerando. Assim, antes de mais nada, entendemos que o que fazemos nos é natural: simplesmente caminhar de forma parceira com a natureza. Nesse lugar, não tem cabimento usar a palavra lucro. Não se trata de lucrar com essa parceria. Mas de aprender uma nova forma de convivência com o planeta.

Não é simples, claro. Envolve muito conhecimento, desprendimento, uma grande disponibilidade para se abrir, paciência, muito trabalho duro (minha coluna que o diga) e a disposição de lidar o tempo todo com questões complexas e contraditórias. Fazer a virada parece romântico, mas não é fácil, não.

Os ganhos são de outra ordem.

Por isso mesmo, sempre impliquei com esses mecanismos de pagamentos por serviços am-



bientais, crédito de carbono etc, que procuram atribuir valor econômico a bens que não são propriedades da humanidade, e que deveriam possuir valor por si e apenas para si. Mas entendi com o tempo, e com os tombos, que esses mecanismos são importantes para viabilizar projetos como o nosso, para que eles floresçam e ganhem escala. Trata-se de um motor que nos dá a oportunidade de compensar o enorme passivo que acumulamos nos últimos 500 anos com alguma chance de virar esse jogo.

Com o tempo, fui baixando a

guarda e experimentei. Hoje, estamos restaurando 30 hectares de florestas utilizando recursos de compensações ambientais. Implantamos uma série de unidades demonstrativas de pastoreio voisin, silvicultura e sistemas silvipastoris graças a uma parceria com o Instituto Ipê, uma importante Ong que realiza pesquisas ecológicas, com apoio financeiro de empresas privadas. Em relação aos projetos culturais, são realizados com recursos obtidos por meio de patrocínios de empresas via leis de incentivo.



Sem hipocrisia, não vivemos alheios ao mundo e à lógica do mercado. Mas procuramos aproveitá-la a favor de ações que impactam o mundo positivamente. Vivemos e pagamos nosso dia a dia recebendo grupos, realizando imersões de instituições, de empresas, promovendo atividades para escolas, realizando residências artísticas e laboratórios de manejos agroflorestais. Aproveitamos as qualidades do nosso espaço como um atrativo para que as pessoas nos procurem, exploramos o fato de sermos uma reserva ecológica como uma forma de marketing ambiental. No melhor sentido que isso possa ter, vale dizer.

Procuramos fazer isso com coerência aos nossos princípios, incorporando em nossas ações, mesmo as mais banais, um cuidado com o uso dos recursos, o respeito a todas as formas de vida. Entendemos que as intervenções humanas podem ter funções ecológicas. Procuramos despertar naqueles que vêm da cidade um sentimento de pertencimento à natureza e de responsabilidade por seus atos. Assim, vamos nos equilibrando num delicado, mas importante, caminho que nos mantém fiéis ao que acreditamos, com os pés na terra, enxada e facão nas mãos, sementes grudadas no corpo se espalhando por aí. E um pouco de matemática, de engenharia, de economia, de conexão com o mundo real. É um equilibrar-se na corda bamba, mas temos fé profunda nesse caminho. Quando o assunto vem à tona, com todos os dilemas e contradições envolvidos, lembro sempre de uma canção de Gilberto Gil, Graça divina do álbum “Quanta”, de 1997, em que o compositor canta: “A eficácia da graça divina tem um pé na farmácia e outro no amor”.

Mas, a bem da verdade, isso tudo são formas de sobreviver materialmente no mundo. Nossas crenças mais profundas são o que realmente nos mantém vivos. Uma vez me perguntaram numa apresentação sobre a história da fazenda: “por que plantar florestas?” “Um pouco sem paciência, respondi com alguma ironia: “porque eu gosto de florestas”. Todos riram. Mas era a pura verdade.